

SONHO

RESUMO

Análise do poema "Sonho", de Cecília Meireles, com aplicação do modelo utilizado por Nicolas Ruwet em seu trabalho "Je te donne ces vers" - Esquisse d'analyse linguistique.

RÉSUMÉ

Analyse du poème "Sonho", de Cecília Meireles, une application d'un modèle utilisé par Nicolas, Ruwet dans son travail "Je te donne ces vers" - Esquisse d'analyse linguistique.

## SONHO

1 Saio do sonho, da noite do absurdo:  
 2 Sou navegante que aborda o limite humano,  
 3 espuma breve.  
 4 Meus vestidos são de uma tristeza total:  
 5 da frágil superfície ao denso furo  
 6 profundo mar.

7 Pergunto-me por que venho  
 8 e por que venho assim vestida;  
 9 - e dos lugares do sonho, da noite, do absurdo?  
 10 - e do limite humano a que abordo,  
 11 séria e inerme?  
 12 Entre os dias humanos  
 13 e a noite ex-humana  
 14 que mensageiro acaso somos?  
 15 A que destinatários?  
 16 em que linguagem?  
 17 que mensagem?

18 Õ noite, Õ sonho, Õ absurdo  
 19 onde, no entanto, fluíamos, claríssimos! <sup>1</sup>

O poema "Sonho", de Cecília Meireles, apresenta-se dividido em três estrofes, com versos livres e brancos. A primeira estrofe contém seis versos, de 10, 12, 4, 12, 10 e 4 sílabas métricas, respectivamente. A segunda estrofe apresenta maior variedade quanto ao número de sílabas de cada verso, que são de 7, 8, 13, 9, 4, 6, 5, 8, 6, 4, 3 cada um. A última estrofe tem um verso de 7 sílabas e outro de 11 sílabas. O fato de os dois últimos versos da segunda estrofe rimarem não invalida a sua inclusão na classificação geral de versos brancos. Houve menos uma intenção de rima que uma contingência expressiva, tal como veremos.

No poema de Cecília Meireles não há, como foi constatado por Nicolas Ruwet em sua análise do poema "Je te donne ces vers..."<sup>2</sup>, de Baudelaire, o paralelismo e a oposição dos sons aí encontrados, dada a riqueza das rimas. Num poema de dezenove versos, dos quais apenas dois rimam, não é de se esperar, na

verdade, que tal jogo de sons apareça, ao menos no tocante à rima.

No entanto, se abordarmos o aspecto fônico do texto de Cecília Meireles, poderemos apenas constatar, considerando tão somente as vogais tônicas das últimas palavras de cada verso, que elas, quanto ao timbre e à nasalidade, são:

a) fechadas e orais. versos 1, 5, 8, 9, 18, 19;

b) abertas e orais: versos 3, 4, 6, 10, 11, 15;

c) nasais: versos 2, 7, 12, 13, 14, 16, 17.

Como se pode observar, dentre um total de dezenove versos, apenas seis têm vogais orais e abertas, e os demais as têm ou fechadas ou nasais. Podemos então concluir que, como o fez Nicolas Ruwet em sua análise citada, a predominância de sons fechados e nasais dá ao poema "une sonorité assez assombrie."<sup>3</sup>

Ainda que não possamos fazer um levantamento das categorias gramaticais das últimas palavras de cada verso visando a confirmar o que dissemos quanto aos sons, podemos fazê-lo com vista ao desenvolvimento de nossa análise. Na primeira estrofe encontramos, nesta ordem: substantivo, adjetivo, adjetivo, adjetivo, substantivo, substantivo. Na segunda estrofe aparecem verbos (versos 7, 10, 14); adjetivos (versos 8, 11, 12, 13); e substantivos (versos 9, 15, 16, 17). Na terceira estrofe há um substantivo e um adjetivo, nesta seqüência.

Na primeira estrofe, tal como acontece quanto à disposição dos versos pelo número de sílabas, há também uma oposição quanto à disposição pela categoria gramatical das últimas palavras de cada verso. Veja-se o quadro:

versos	nº de sílabas	categoria gramatical
1	10	substantivo
2	12	adjetivo
3	4	adjetivo
4	12	adjetivo
5	10	substantivo
6	4	substantivo

Resta notar ainda que em relação à categoria gramatical das últimas palavras dos versos há um paralelismo entre a primeira e a última estrofes, onde só aparecem nomes (substantivos e adjetivos), sendo que a segunda estrofe, ao lado destes, vai apresentar também verbos. Esta singularidade da segunda estrofe se acentua se considerarmos a variedade de sílabas métricas para cada verso, e uma assimetria em sua colocação, ao lado da uniformidade, ou seja, do paralelismo da primeira estrofe.

Em relação à sintaxe, há no poema três unidades bem marcadas, constituídas por cada uma das estrofes. Na primeira estrofe temos dois períodos distintos: o primeiro, formado pelos versos 1, 2 e 3; e o segundo, pelos versos 4, 5 e 6. Em ambos há uma oração principal - "Saio do sonho, da noite, do absurdo:" e "Meus vestidos são de uma tristeza total:" - que é seguida por um aposto (verso 2) para a primeira oração e, (verso 5) para a segunda oração, ao menos formalmente. Cada um dos apostos tem um "aposto do aposto", constituído pelos versos 3 e 6, respectivamente. O verso 2 funciona como aposto do verso 1 e contém duas orações: "Sou navegante que aborda o limite humano," e "que aborda o limite humano". Já o verso 5, aposto do verso 4, não contém nenhum verbo. Os "apostos dos apostos", versos 3 e 6, têm a mesma estrutura, variando apenas a posição do adjetivo em

relação ao substantivo. Ambos os períodos têm a mesma pontuação, o que ainda mais ressalta o paralelismo existente entre eles. Os versos 1 e 4 terminam por dois pontos, e os versos 3 e 6 por ponto final. Apenas o verso 2 é finalizado por vírgula e o verso 5, não, o que torna ainda mais ambíguo o segundo período. Os dois períodos contêm orações declarativas. Estas orações declarativas são explicadas e delimitadas pelos apostos, pela oração adjetiva e pelas locuções nominais que equivalem a uma oração adjetiva. "Espuma breve", por exemplo, equivale a "espuma que é breve". Nos dois períodos aparecem três verbos: Sair, Ser, Abordar. Abordar é verbo transitivo direto e aparece em oração subordinada; Ser é verbo de ligação nas duas orações em que ocorre; e Sair é verbo intransitivo. Dado o paralelismo e a simetria dos períodos, a subordinação adjetiva, clara ou implícita, a predicação nominal do verbo Ser nos dois períodos, o caráter apositivo dos versos 2 e 5, é-nos lícito concluir que todas se prendem à oração principal ("Saio do sonho, da noite, do absurdo") cujo verbo encerra uma decisão que as demais só farão explicar e que concede o tom declarativo comum aos versos da primeira estrofe.

A segunda estrofe, ao contrário da anterior, é composta exclusivamente por frases interrogativas. Como vimos, não apresenta também a mesma regularidade no número de sílabas dos versos, nem os conclui, como a anterior, unicamente por nomes. A estrofe, no seu conjunto, vai apresentar uma oposição com a estrofe anterior, ou seja, declaração/interrogação. Inicialmente, dado o seu caráter interrogativo, a estrofe parece mostrar um conjunto bastante uniforme. No entanto, e como veremos a seguir, pode ser dividida em duas partes distintas: a primeira, que denominaremos Parte A, engloba os versos 7, 8, 9, 10 e 11; a

segunda, daqui em diante chamada Parte B, abrange os versos 12, 13, 14, 15, 16 e 17.

A Parte A, numa rápida análise, se constitui de apenas quatro orações. Duas destas orações estão no verso 7, sendo que a primeira delas é a oração principal, e a segunda, subordinada. São elas: "Pergunto-me por que venho" e "por que venho". A seguir, no verso 8, temos uma oração coordenada à anterior e subordinada à principal: "e por que venho assim vestida;".

Nestas orações dos versos 7 e 8 temos uma interrogação indireta, indicada pelo verbo "pergunto-me" e não através de pontuação. A pontuação que finaliza o verso 8 é um ponto-e-vírgula, que estabelece uma pausa, ainda que não definitiva, entre o conjunto formado por estes dois versos e os versos seguintes. Nestes, versos 9 e 10, temos um travessão e uma conjunção coordenativa aditiva "e". Enquanto o verso 9 não tem verbo algum, não constituindo, aparentemente uma oração, o verso 10 e 11 contém uma oração adjetiva "a que abordo/séria e inerme." No entanto, apesar da coordenativa, estes versos parecem estar soltos dentro desta parte A, sem vínculo visível com a interrogação iniciada com o verso 7. Estes versos são elípticos, o que explica a sua relativa independência dentro do período. Por um lado, há uma elipse verbal; por outro, há também a elipse da locução interrogativa. Os versos que faltam nos virão da primeira estrofe e as locuções interrogativas da segunda. Escritos numa forma direta, não-elíptica, os versos ficariam deste modo:

"e por que saio dos lugares do sonho, da noite, do absurdo?"

"e por que abordo o limite humano, séria e inerme?"

Estes versos são uma interrogação direta, clara. Têm, além da ligação mais direta com os versos anteriores, 7 e 8, ligação

gramatical, já que continuam uma seqüência de coordenadas iniciada pelo verso 8, um vínculo com a primeira estrofe, ampliando e invertendo (interrogando) a proposição lançada naquela estrofe. Observa-se, além disso, um certo contraste entre estes versos e os anteriores quanto à maneira como é formulada a interrogação (indireta/direta). O verso 11 constitui um predicativo do sujeito que fala.

A Parte B é composta por quatro orações, a primeira delas constituída pelos versos 12, 13 e 14, e as três últimas por cada um dos versos seguintes. Todas as frases contêm uma interrogação direta. As três últimas orações são elípticas e completam a série interrogativa iniciada pela primeira oração da Parte B. O seu caráter elíptico e a interrogação direta que contêm fazem com que todas as orações da parte B, sendo que a primeira apenas parcialmente, se oponham ao caráter não-elíptico, linear, declarativo da primeira estrofe, e à interrogação indireta dos dois versos iniciais da Parte A. E ainda, opõem-se a ela enquanto introduzem novos termos (mensageiro, destinatário, linguagem, mensagem) ainda que implícitos nesta Parte A, oposição que sobressai se considerarmos que ela, Parte A, é uma repetição em forma interrogativa (direta/indireta) e elíptica de elementos existentes na primeira estrofe.

A terceira estrofe é também uma unidade autônoma, composta por uma oração distribuída em dois versos. No primeiro deles, verso 18, há uma seqüência de vocativos, cujos núcleos estão numa ordem diversa daquela em que apareceram anteriormente: versos 1 e 9. O verso seguinte é entrecortado, com as palavras bastante destacadas. Na ordem estão: um advérbio de base pronominal, "onde"; uma locução conjuntiva, "no entanto"; o verbo, "fluíamos"; e o predicativo do sujeito, "claríssimos". Nesta,

como na primeira estrofe, temos uma declaração. aqui reforçada pela constituição da apóstrofe e pelo ponto de exclamação final; temos também que ambas contêm um verbo intransitivo seguido por adjuntos adverbiais; que os adjuntos adverbiais de lugar donde da primeira oração (verso 1) tornam-se aqui vocativos; que ambas se opõem, pelo caráter declarativo, às interrogações da segunda estrofe.

Após esta breve análise que admitimos imprecisa e incompleta; mas com que tentamos estabelecer um jogo de paralelismos e oposições nos campos fonológico, léxico e sintático, objetivamos mostrar que, sob a aparente ausência de nexos entre as estrofes e apesar do caráter elíptico e incompleto de vários versos, há uma só unidade e uma mesma intenção.

Voltando à primeira estrofe, tornaremos a nos referir ao seu caráter declarativo, encetado pelo verso 1. O verbo Sair, intransitivo, na primeira pessoa do singular, revela uma decisão positiva, firme, inabalável. Os adjuntos adverbiais que seguem, indicam o "lugar donde". Os núcleos destes advérbios, as palavras "sonho, noite, absurdo", apesar de ligados semanticamente, - revelam aspecto onírico, supra-real, inconsciente - não se apresentam formando uma seqüência, isto é, não partem do mais concreto ao mais abstrato. Parece haver uma certa desorganização neste estado onírico, que provoca a reação expressa pelo verbo "saio". A pontuação indica que deverá haver ainda uma explicação acerca de todo este primeiro verso. É o que nos dão o verso 2 e os seguintes. O verso 2 inicia-se, como o anterior, por um verbo. É agora um verbo de ligação, cuja complementação está no termo predicativo seguinte "navegante", que se refere ao sujeito - "eu" - implícito pela desinência verbal de "saio" e "sou". Esta oração é completada pela oração seguinte, relativa, que explicita a palavra "navegante", nela funcionando co-

mo sujeito, representado pelo "que". É flagrante a relação existente entre "navegante" e "abordar", dadas as referências de ambos a mar, água, etc.. Abordar significa tocar, atingir, tocar em, chegar. Tem um sentido ambíguo, podendo refletir tanto a "abordagem de um navio" - idéia de luta; quanto a "abordagem de um assunto" - idéia de fim, objetivo. Ambas estão presentes no texto. Abordar é transitivo direto e pede um complemento: "limite humano". Limite é o mesmo que fronteira, marco, baliza. "Limite humano" significaria, portanto, a limitação do homem, a contingência humana. O verso 3 completa o sentido do sintagma nominal do verso anterior - limite humano - com um aposto: "espuma breve". Espuma, por si só, já representa o que é breve, passageiro, e é reforçada pelo adjetivo "breve" - curto, rápido, não estável. O sintagma "espuma breve" vai, portanto, trazer a idéia de brevidade, de falência, de perecível, de transitoriedade para caracterizar o "limite humano".

O verso 4 contém uma oração principal, a primeira em que aparece um sujeito claro: "meus vestidos". Este sintagma nominal (pronomes mais substantivo) reitera o "eu" já expresso anteriormente por duas vezes. Constitui uma metonímia: "vestidos" está aqui por versos, obra, poesia, essência, eu. O mesmo processo metonímico apontado por Nicolas Ruwet em sua análise.<sup>4</sup> O processo metonímico caminha, pois, do mais exterior e formal - vestidos, versos, obra - ao mais interior - poesia, essência, eu. Paralelamente ao verso 2, o verbo é também de ligação e é completado por um predicativo do sujeito "de uma tristeza total". O sintagma e toda a oração serão completados pelo verso seguinte, que reforça o que dissemos anteriormente sobre "meus vestidos" e a série metonímica que suscita, além de

explicitar o sintagma nominal do predicativo, o qual implica muito mais em totalidade que propriamente em tristeza. Vejamos: a idéia de totalidade se mostra num movimento abrangente e que contém dois pares de elementos extremos. Assim, "frágil" opõe-se a "denso" como "superfície" a "forro". A esta totalidade acrescenta-se a idéia de profundidade expressa pelo verso 6: "profundo mar", que é quase um pleonasma. A palavra mar, sozinha, já encerra conotações de vastidão (totalidade) e profundidade. O verso 6 opõe-se, portanto, ao verso 3, tanto na sua carga semântica (espuma/mar - profundo/breve) quanto na disposição: substantivo mais adjetivo (verso 3) e adjetivo mais substantivo (verso 6).

Basicamente, a primeira estrofe apresenta um movimento, indicando o lugar de onde se parte, uma caracterização de quem parte, e um objetivo a ser atingido. Toda a estrofe é declarativa e exprime uma opção, uma decisão. Passemos à segunda estrofe.

Como já indicamos, esta estrofe opõe-se nitidamente à primeira, declarativa, por compor-se apenas de orações interrogativas. Como também verificamos, contém duas partes, A e B. A Parte A é quase uma repetição da primeira estrofe. Vejamos: o verbo vir correlaciona-se com o verbo sair (verso 1), num vínculo de causa e efeito, ou seja, sair implica em vir. E ainda, ambos têm a aproximá-los o fato de serem intransitivos e de referirem-se ao mesmo sujeito "eu". O verso seguinte é paralelo ao verso 4: "e por que venho assim vestida" traz a mesma idéia contida em "meus vestidos são de uma tristeza total". Nestes versos, 7 e 8, em orações ligadas ao verbo da oração principal, se traduz o mesmo que foi expresso pelos versos 1 e 4 com suas orações principais. Os versos seguintes, 9, 10 e 11,

não fazem mais que acrescentar os elementos "acessórios" da estrofe anterior: a origem - lugar donde, e o objetivo - lugar para onde. A correlação com a estrofe anterior se realiza de acordo com o que já dissemos: os elementos elípticos dos versos 9 e 10 são buscados nos versos 1 e 2 da primeira estrofe e nos versos 7 e, ou, 8 da Parte A. Esta é finalizada pelo verso 11, que contém um predicativo do sujeito: "séria e inerme". Inerme é o mesmo que desarmada, indefesa, e reafirma a oposição entre "limite humano" e "meus vestidos", ou seja, entre o mundo e o Autor, entre o accidental e o essencial. Verifique-se a oposição entre o sentido de inerme e o de abordar, o que ressalta a diferença e a desproporção entre os meios de que se dispõe - vestidos - e o objetivo proposto - o limite humano.

Nas duas partes até aqui analisadas podemos destacar alguns elementos comuns como: agente, origem, modo, fim. Apesar da oposição que ressaltamos entre a primeira estrofe e a Parte A, por um lado, e a Parte B, por outro, veremos que a oposição é apenas aparente, constituindo, primeira e segunda estrofes, uma perfeita unidade.

Seguindo, podemos observar que nos versos 12 e 13 há uma relação sintática e uma oposição semântica. Há, aqui também, dois pares de oposições: dia/noite e humana/ex-humana. Estes dois sintagmas, "dias humanos" e "noite ex-humana" correspondem, respectivamente, a "limites humanos" e "meus vestidos" e, ou, à seqüência "sonho, noite, absurdo". O prefixo "ex-" traduz idéia de extra, fora, além. Portanto, "ex-humana" é o que está fora do humano, ou seja, o que não é humano, rotineiro, quotidiano, material, perecível, falho, mas o que é ideal, poesia, essência, eu. A oposição, agora clara, não se faz entre essencial/acidental, ou entre poético/não-poético, mas entre eu/

mundo. No verso 14 temos a inclusão de mais de um elemento que reforça esta oposição: é a mudança de pessoa, que passa de "eu" para "nós". Não significa esta mudança, melhor, este "nós" um plural de modéstia, e sim o plural majestático. A interrogação constante no verso 14 não se faz, como lá está, sobre o mensageiro, que se conhece, mas, concretamente, sobre os elementos referidos nos versos seguintes: destinatários, mensagem, linguagem. O advérbio, "acaso", reforça o que vimos dizendo, ou seja, a dúvida não está no mensageiro - autor, destinatador -, mas nos demais elementos do processo de comunicação. Os três últimos versos da Parte B só fazem ampliar a interrogação do verso 14. Além disso, refletem a perplexidade ante a possibilidade de se estabelecer comunicação entre a "noite ex-humana" e os "dias humanos", entre dois estados tão díspares e conflitivos.

A última estrofe fecha o ciclo, a saída, remetendo ao ponto de partida, já desta vez ordenado: noite, sonho, absurdo. O vocativo expressa bem esta idéia de retorno. Primeiro, por repetir os termos do verso 1 e, segundo, por ser vocativo (chamamento) e constituir, no conjunto dos dois versos finais, uma apóstrofe. A proposição inicial do poema, após ter sido analisada pelo sujeito da enunciação, é refutada por ele mesmo. Isto se confirma pelo predicativo "claríssimos" que, realçando ainda mais a clareza, a essencialidade destes lugares, já que, neles, é onde "fluímos, claríssimos!". E mais uma vez a oposição "dias humanos/noite ex-humana" que, desta vez, aparece invertida. "Noite" passa a ser "luminosidade, plenitude" e "dias" se converte em lugar de "trevas, de limitação". A possibilidade de instaurar um processo de comunicação entrevisto na primeira estrofe

é recusada pelo poeta após analisar a origem e o propósito de sua obra. Apesar de abordar a condição humana, ou tentar abordá-la, sua obra se relaciona com o "limite humano" de modo duplo: enquanto este é o fim proposto e enquanto, ao mesmo tempo é barreira intransponível. A comunicação é, portanto, impossível, e ao poeta resta renunciar à sua intenção.

#### NOTAS

1. MEIRELES, Cecília. Sonho. In: Dispersos. Rio, Aguilar, 1972, p. 618.
2. RUWET, Nicolas. "Je te donne ces vers..." — Esquisse d'analyse linguistique. In: Poétique, (7), Paris, 1971.
3. Idem
4. Idem